

PROTAGONISMO INFANTIL NA GUERRA DE CANUDOS: ROMPENDO “O SILÊNCIO DO SINO”, DE IVAN SANTTANA

Elisabeth Silva de Almeida Amorim¹

RESUMO

Quando se trata da Guerra de Canudos, evento histórico ocorrido no Sertão baiano entre 1896 e 1897, há muitas narrativas sem visibilidades fora do cenário onde ocorreu a tragédia, que vitimou mais de vinte mil pessoas. Com um número tão alto, muitas crianças fazem parte desse índice; todavia, pouco ou nada é mostrando nos manuais didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio. Este resumo tem como objetivo apresentar o cenário de uma guerra sob a perspectiva de uma criança moradora de Belo Monte/ Canudos, que, inconformada com a invasão militar em seu território, busca respostas. O enredo do livro *O silêncio do sino*, de Ivan Santtana(2019), aborda um tema duro e intocável: quando o protagonista Bentinho se sente ameaçado em seu espaço com o cerco policial imposto, decide contar a história da guerra. A ficção e a realidade caminham lado a lado, e, por meio da leitura, interpretação e investigação do romance, associado ao documentário *Os órfãos de Canudos: histórias não contadas sobre a Guerra de Canudos*, de Ivo Branco(2017), podemos obter os seguintes resultados: reavaliação dos manuais didáticos de Língua Portuguesa que discutem a Guerra de Canudos, a partir do livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha(1902); fortalecimento de narrativas da guerra que trazem o protagonismo infantil; e ampliação de diálogos com textos literários não canônicos. Assim, além dos autores citados, o texto traz como referencial teórico Amorim (2022; 2023; 2024), Antunes(2005), Gomes(2005) e Zilly(2022).

Palavras-chave: Literatura, Guerra de Canudos, Protagonismo infantil, Manuais didáticos, Educação Básica.

INTRODUÇÃO

Não é fácil discutir o protagonismo infantil diante de um cenário de guerra, de horror. Ao pensarmos na batalha sangranta que foi a Guerra de Canudos, ocorrida nos Sertões da Bahia, no final do século XIX, o que dizer das crianças órfãs que sofreram torturas, abusos sexuais e violências físicas e psicológicas nas mãos dos poderosos militares? O livro *O silêncio do sino*, de Ivan Santtana (2019), vai além da discussão sobre tal evento, pois personifica os valentes conselheiristas na personagem infantil Bentinho.

Apesar das supostas contradições existentes no livro *Os sertões*, Euclides da Cunha(1902), essa obra, por muitos anos, era vista como uma espécie de cartilha para

¹ Mestra e Doutora em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Escritora, mrs.bamorim@yahoo.com.br



os estudos sobre Canudos. Isso porque Euclides da Cunha (1866-1909), considerado um grande jornalista brasileiro, veio à Bahai, enviado pelo Jornal *Estado de São Paulo*, para cobrir o evento no final da Guerra de Canudos. Cinco anos depois, ele publica *Os sertões* como divisor de águas. Se a versão oficial da guerra colocava Antônio Conselheiro e seguidores como inimigos da recém-implantada República, com o livro de Cunha abre-se um novo leque interpretativo, ainda que dual: ora o evento era liderado por um fanático, ora a história revelava um grande líder.

Este artigo tem como objetivo apresentar o cenário da Guerra de Canudos sob a perspectiva de Bentinho, uma criança moradora da região, inconformada com as atrocidades da guerra. Protagonista do livro *O silêncio do sino*, de Ivan Santtana, Bentinho personifica a coragem dos Conselheiristas e sai de casa em busca de respostas. Mesmo sabendo que o autor mistura a ficção e realidade, o texto se justifica pela necessidade de promover, em sala de aula da Educação Básica, a leitura de outras narrativas sobre a Guerra de Canudos, indo além de *Os sertões*, obra bastante presente nos manuais didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio.

Bentinho é mais uma vítima de um sistema arbitário que ceifou vidas, inclusive as de seus pais e amigos. Sem rumo, desorientado e torturado, ele vaga pelos escombros do cenário e da própria vida devastada. Não tem como não enxergá-lo no Documentário *Orfãos de Canudos: histórias não contadas sobre a guerra de Canudos*, de Ivo Branco (2017). Esse menino órfão está nos trânsitos das grandes cidades vendendo balas, nas “cracolândias” da vida, debaixo dos viadutos e, ainda hoje, permanece escondido, amedrontado, incrédulo diante das violências diárias que sofre.

Amorim (2024), em sua tese de doutoramento, traz a seguinte contribuição:

No romance de Santtana, o menino personifica toda a força e resistência dos conselheiristas. É uma história que se soma a tantas outras dos sertões, mas agora vista através dos olhos perspicazes do sertanejo Ivan Santtana. Por ter nascido e residido nas proximidades do local do conflito, ele cresceu ouvindo narrativas sobre sua terra, seu povo e história, todas elas contadas por narradores de fora. Foi somente mais tarde que ele percebeu que ele e muitos outros moradores do Sertão têm histórias próprias, que vão além das criadas em torno do Bom Conselheiro. (Amorim, 2024, p. 112)

É importante essa demarcação de lugar de fala apresentada por Amorim, pois o olhar de fora se diferencia e entra em choque com o olhar de dentro. O próprio Benjamim já chamou a atenção sobre a diferença entre narradores que vivenciam o fato e aqueles



que observam à distância. No caso de Santana, ele ouviu, por muitos anos, os relatos de idosos sobre Canudos, e percebeu que as narrativas de autores não moradores do local diferiam daquelas colhidas na fonte. Foi assim que nasceu *O silêncio do sino*.

METODOLOGIA

É muito comum o ditado popular “Quem conta um conto, aumenta um ponto”, mas, ao falarmos de Canudos, embora realidade e ficção mobilizem o imaginário de um povo, o evento da guerra foi real, assim como o massacre orquestrado pelos poderes públicos _ este, definitivamente, não foi ficção. No entanto, os motivos que impulsionaram o conflito, carregam marcas ficcionais, fantasiosas, criativas e até ilusórias. Temos como marco de leitura *Os sertões*, de Euclides da Cunha, seguido por *O silêncio do sino*, de Ivan Santtana.

O disse-me-disse em torno da guerra foi além da oralidade: ganhou páginas de jornais, percorreu becos, salões e palácios, a ponto da sociedade elitizada desejar o fim de Canudos. As notícias forjadas e tendenciosas interferiram em um julgamento imparcial dos fatos, e isso se reflete no manuais didáticos de Língua Portuguesa, Ensino Médio, mais especificamente no volume 3, onde encontramos o poeta Olavo Bilac comemorando liricamente o final da guerra da seguinte maneira:

Enfim, arrasada a cidadela maldita! Enfim, dominando o antro negro, cavado no centro do adusto sertão, onde o Profeta das longas barbas sujas concentrava sua força diabólica, feita de fé e de patifaria, alimentada pela superstição e pela rapinagem. (Bilac, Olavo, 1996, apud Abaurre, Maria Luiza M; Abaurre, Maria Bernadete M; Pontara, Marcela. Português: contexto, interlocução e sentido, v. 3 2ed. São Paulo: Moderna, 2013, p.17.)

Bilac não foi o único a torcer pela destruição de Canudos. O próprio Euclides da Cunha também apresentou momentos de incertezas em relação ao conflito. Segundo Galvão (2022), quando veio à Bahia, nos momentos finais da Guerra de Canudos, Euclides estava influenciado pelas concepções deterministas e pelos ideais republicanos que defendia. Apenas depois de conhecer a dura realidade dos moradores de Canudos e o tratamento dado aos prisioneiros da guerra é que suas convicções começaram a se enfraquecer, e a decepção com a República veio à tona.



Desse modo, o próprio Euclides da Cunha, admirado com o poder de liderança de Antônio Conselheiro a ponto de inferir que o beato entraria para a história, também o descreve como fanático, sujo, louco e responsável pela destruição do povo. Como nos lembra Galvão (2022):

Tentando elucidar a origem da Guerra de Canudos, Euclides mostra como o advento da República acarreta alterações que perturbam o ânimo dos conselheiristas: novos impostos, separação entre Igreja e Estado, liberdade de culto e instituição do casamento civil, que contradizia frontalmente um sacramento católico. (Galvão, 2022, p. 20)

Sem dúvida, Euclides da Cunha, enquanto jornalista do Jornal Estado de São Paulo, publicou várias reportagens nas quais se posicionou de forma contraditória, chegando a apontar as questões étnicas da formação do sertanejo como grande problema da miséria do povo. O evento da Guerra de Canudos percorreu pelas trilhas e encruzilhadas de narrativas suspeitas. O próprio tradutor de *Os sertões* para o alemão, Berthold Zilly, chama a atenção para os cuidados necessários na leitura da obra de Euclides, por se tratar de uma dilética do esclarecimento — como ele mesmo diz, uma “gênesis do país”. No entanto, Zilly é taxativo ao afirmar: “Euclides me fez tradutor”. Por mais que existam deslizes no livro euclidiano, muitos autores ainda bebem da mesma fonte de Euclides da Cunha. Apesar de não ter sido o primeiro a discutir o tema, para os manuais didáticos ele continua sendo um marco.

Vale lembrar que, nos manuais didáticos de Língua Portuguesa, a narrativa predominante sobre a origem da Guerra de Canudos apresenta uma suposta invasão dos conselheiristas na cidade de Juazeiro — fato que nunca ocorreu. O conflito teria se iniciado por uma compra de madeira para a cobertura da nova igreja em construção em Canudos; apesar do pagamento ter sido efetuado, o comerciante não entregou o produto. Todavia, ignora-se o fato da perseguição sofrida por Antônio Conselheiro e seus seguidores por onde passavam. Também são negligenciados nos manuais didáticos os serviços sociais prestados por Antônio Conselheiro e seus seguidores às comunidades durante as peripetias pelos sertões de Sergipe e da Bahia, como construção e reconstrução de igrejas e cemitérios.

Até que ponto as ações do beato Antônio Conselheiro e de seus seguidores poderiam ser consideradas rapinagens ou patifarias? Quando as autoridades eclesiásticas precisavam de restaurações em templos, a presença dos conselheiristas era bem-vinda. No entanto, ao final das obras, prevaleciam campanhas de difamação, denúncias de perturbação da ordem pública e outras acusações, visando expulsá-los daquela localidade.

Assim, a construção deste texto se deu a partir das leituras de *Os sertões*, Euclides da Cunha, *O silêncio do sino*, de Ivan Santtana, associadas aos manuais didáticos de Língua



Portuguesa e Literatura Brasileira do Ensino Médio, que apresentam a obra euclidiana como exemplo do Pré-Modernismo brasileiro.

Houve quatro investidas dos militares para desarticular o poder de Antônio Conselheiro no arraial de Canudos, mas, desde a primeira derrota sofrida pelos militares, a destruição de “foco monarquista” instalado nos Sertões baianos tornou-se uma questão de honra __ mesmo sabendo que aquela população pobre não oferecia perigo real ao regime republicano. Talvez o maior temor fosse que outras cidades desassistidas pelo governo copiassem as ações conselheiristas, recusando-se a pagar impostos e criando suas próprias leis.

Se, no início do conflito, diante das primeiras derrotas militares, o povo __ tomado por um sentimento nacionalista __ saiu em defesa dos princípios republicanos e, movido pela sede de vingança, clamava pelo fim da “rebelião monarquista” de Canudos, com o término da guerra e a circulação de novas e diferentes narrativas, sobretudo sobre a degola de prisioneiros, esse sentimento mudou. Muitas narrativas canudenses se perderam no fogo e depois nas águas, mas todas elas carregam marcas e cicatrizes de uma população que não se rendeu, nem diante dos canhões, nem das águas do Vaza-Barris.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Bentinho passaria a noite dormindo amarrado ao relento, com fome, frio, no Alto do Mário, de onde via as luzes dos candeeiros tremulando nos pequenos casebres de Canudos. Sentiu falta da mãe. Chorou. Um choro miúdo, de bicho acuado, de um ser pequenino às voltas com a morte. (Santtana, 2019, p. 77)

Santtana (2019) traz à tona narrativas silenciadas, ocultas e negadas: crianças no contexto da Guerra de Canudos sendo tratadas como bichos, violentadas e mortas. No caso do protagonista de *O silêncio do sino*, o garoto Bentinho, ao ser capturado por soldados gaúchos, sente a morte de perto, mas não consegue compreender o que havia feito de errado para ser morto — assim como as demais pessoas que ali moravam.

A dúvida sobre o porquê da guerra percorre toda a narrativa e, tentando sanar essa inquietação, o garoto sai de casa sorrateiramente e vai em busca de respostas, mesmo que para isso precise se aproximar do inimigo. No acampamento dos militares, onde é capturado e torturado, Bentinho ouve as mais duras palavras contra seu povo, como: “— Tua gente é como erva daninha, quanto mais se mata, mais parece brotar do chão.” (idem, p.78).



Nem nos pensamentos mais remotos os militares imaginariam que, mesmo destruindo Canudos, outras Canudos se levantariam. Em 1968, a segunda Canudos foi destruída pelas águas da represa do Vaza-Barris, com a construção da barragem de Cocorobó, mas, novamente, uma nova Canudos surgiu — e surgirá quantas vezes for necessário. Assim, em 1897, Canudos foi destruída pelo fogo; anos depois, pelas águas.

Como os militares queriam, de alguma forma, enviar uma mensagem a Antônio Conselheiro, líder de Canudos, viram na criança prisioneira a oportunidade de realizar tal ação. Uma das passagens mais difíceis ocorre durante o retorno de Bentinho: o menino, maltratado, de cabeça raspada e faminto, caminha em direção ao Conselheiro quando encontra seu amigo Galego morto. O desespero toma conta dele; por um instante, esquece até da própria dor, pois percebe que poderia ser o próximo: “– Galego, você num pode morrer! Você ainda não cresceu, nem virou vaqueiro, num saiu voado no seu cavalo de asa. Galego, acorde, Galego, num me deixe!” (Santana, 2019, p. 79).

Qual criança pode ou não morrer? Galego foi apenas mais uma entre tantas crianças mortas no cenário de uma guerra. Sonhos interrompidos, vidas destroçadas, histórias sem finais felizes. Para Euclides da Cunha (2018), “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo dos mestiços neurastênicos do litoral...”. De fato, ele não mentiu: a força dos sertanejos chama a atenção de todos que estudam as narrativas sobre Canudos. E em *O silêncio do sino*, de Ivan Santana, não é diferente. O protagonismo infantil se destaca por meio do menino Bentinho, um pequeno conselheirista que não se conforma com os atos de violência presenciados contra a população de Canudos.

As cenas de violência eram constantes, mas Bentinho, ao presenciá-las, apesar da pouca idade, não as naturalizava. Ele reagia, “brigava feito gente grande”, fazendo-nos retomar Euclides da Cunha, que exaltou a força do sertanejo — força essa que também emana da criança ao ver sua amiga Domingas sendo estuprada:

Ela gritava, Bentinho partiu para cima do soldado, mas já era tarde. Maria estava morta, sangrando. Sua respiração estava ofegante. O soldado conhecido como José Maria, além do estupro, havia asfixiado a menina. Deixou o local dando gargalhadas. Nos braços de Bentinho, Maria Domingas faleceu, sem que ele pudesse dizer-lhe do seu sentimento. (Santana, 2019, p. 89)

Santana narra a história de Canudos como alguém que sempre esteve por perto,



que ouviu as narrativas diretamente da fonte. Quantas Marias foram mortas na guerra? Quantas foram violentadas ou vendidas para locais de prostituição? No documentário *Órfãos de Canudos*, de Ivo Branco (2017), é apresentado o triste destino de inúmeras crianças que foram “adotadas” e espalhadas pelo país — muitas delas vendidas ou aliciadas para a prostituição. Branco denuncia esses fatos como “histórias não contadas sobre Canudos”.

E mais uma contribuição de Santtana diz respeito à morte de Conselheiro. Ele esclarece que o beato morreu de desgosto, por ver seu sonho se desfazer. Por não ser compreendido, por não ter sua trajetória de luta em favor dos mais necessitados respeitada. É importante lembrar que a peregrinação de Antônio Conselheiro não se resumiu aos poucos anos vividos em Canudos — provavelmente entre 1893 e 1897 —, mas se estendeu por aproximadamente trinta anos, durante os quais percorreu os sertões e conquistou seguidores. Canudos foi o lugar do pouso, da moradia fixa, o fim da peregrinação e o início da construção de um lar.

Quando a igreja de Canudos é atingida por canhões e o sino desaba, é Bentinho quem alerta os poucos sobreviventes que restavam. É também ele quem percebe nos casebres em busca de alimento para as poucas de pessoas ainda vivas. Com o fim da guerra, aqueles que se renderam eram verdadeiros farrapos humanos — e, mesmo assim, não foram poupados: eram degoladas. Bentinho sabia que teria o mesmo destino e foge desesperado. Escapou da morte, afinal, a sua história precisava ser contada. E vale lembrar: é uma história bem diferente daquela que Euclides narrou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pare de chorar! Quando um dos nossos morre, tua gente comemora, então minha vontade é te mandar para os quinto dos inferno, porque teu povo, não poderá restar ninguém. Todos que vivem a ouvir os ensinamentos do louco beato ficam loucos também. (Santtana, 2019, p. 78)

Santtana, em poucas palavras, resume o pensamento nacional em relação à Campanha de Canudos, a Antônio Conselheiro e aos seus seguidores. Isso porque as notícias tendenciosas e as cartas falsas publicadas na época da guerra apresentaram Antônio Vicente Mendes Maciel, ou Antônio Conselheiro como o único responsável pela tragédia ocorrida em Canudos no final do século XIX.



Mais de cem anos após o evento, os manuais didáticos de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Ensino Médio ainda não foram atualizados. Utilizam um fragmento de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e tratam Canudos como se o local não existisse mais, enquanto as imagens caricaturadas de Antônio Conselheiro continuam predominando nesses materiais: o louco, o fanático, o sujo que ousou desafiar os poderes republicanos e, por isso, foi morto durante a guerra. Como afirma Amorim (2022, p. 7): “Destruir Canudos passou a ser uma questão de honra para o governo, e o alvo dos discursos de ódio era o líder religioso de Canudos... ódio propagado através das caricaturas, pinturas, textos orais e desenhos.”

Queremos mostrar com este texto que, por mais que se afirme que Euclides da Cunha esteja ultrapassado, sua literatura — sim, literatura — que emana de *Os Sertões*, mesmo com caráter jornalístico, pois o livro nasce de uma série de reportagens escritas pelo autor, continua presente nos manuais didáticos, nos congressos de educação e nas pesquisas sobre Canudos. No entanto, muitas outras narrativas surgiram e podem dialogar entre si, sem necessariamente ocupar um lugar central. Em *O silêncio do sino*, encontramos mais uma voz que ecoa dos escombros da guerra: uma voz aparentemente frágil, mas audível o suficiente para nos levar a repensar nossas práticas de leitura sobre Canudos.

Bentinho não apenas personifica os conselheiristas que lutaram pela vida, mas também aqueles que entregaram suas vidas por um sonho, por uma missão. Os considerados “loucos” e “fanáticos” eram, na verdade, pessoas que apenas queriam viver em paz, em um lugar esquecido por todos — inclusive pelos governantes que autorizaram disparar canhões e atear fogo aos 5.200 casebres.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Elisabeth Silva De Almeida. *Antônio conselheiro nos manuais didáticos: caricatura de um líder*. Anais VIII CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <<https://ns1.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/90477>>. Acesso em: 10/10/2025 18:59

AMORIM, Elisabeth Silva De Almeida. *Estudos de “os sertões” na formação discente: entre o livro e o computador*. Anais IX CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <<https://ns1.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/97608>>. Acesso em: 10/10/2025 19:09

AMORIM, Elisabeth S. A, *Uma Colcha de retalhos chamada os sertões: entre linhas, pontos e fuxicos dos manuais para as redes*, tese de doutorado, Alagoinhas, UNEB: Pós-Crítica, 2024.

ANTUNES, Cláudia Rejane Dorneles. Euclides e Arinos: um trabalho com as fontes. In GOMES,



Gínia Maria (org.) Euclides da Cunha: literatura e história. Porto Alegre: Editora da UFRGS 2005

BRANCO, Ivo. *Órfãos de Canudos: histórias não contadas sobre a Guerra de Canudos*. Documentário, 2017. Disponível in: <https://www.youtube.com/watch?v=-U-gH9zjBdA&t=27s>

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Barueri, São Paulo: Ciranda Cultural, 2018.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Os sertões, um olhar sobre seus 120 anos. In: *Pontos de interrogação: Revista de Crítica Cultural do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural*, da Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas: Fábrica de Letras/ UNEB, 2011, v. 12, n. 2, jul – dez, 2022, p. 17-27.

GOMES, : Gínia Maria. *Euclides da Cunha: literatura e história*. (org.) Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005

SANTTANA, Ivan. *O silêncio do sino: um menino na Guerra de Canudos*. São Paulo: Lura Editorial, 2019.

ZILLY, Berthold. *Convivendo com os sertões – Experiências e reflexões de um estudioso alemão*. In: *Pontos de Interrogação: revista de Crítica Cultural do Programa de Pós- Graduação em Crítica Cultural*, da Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas: Fábrica de Letras / UNEB, 2011, it 27, v. 12, n.2, jul-dez, 2022, p. 29-59.

